

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

## ILÍADA

Os gregos acreditavam que a *Ilíada* e a *Odisseia* haviam sido escritas por um único poeta, a quem chamavam de Homero. Nada se sabe a respeito de sua vida. Embora sete cidades gregas reivindicuem a honra de ser sua terra natal, segundo a tradição antiga ele era oriundo da região da Jônia, no Egeu oriental. Tampouco há registros de sua data de nascimento, ainda que a maioria dos estudiosos modernos situe a criação da *Ilíada* e da *Odisseia* em fins do século VIII a.C. ou início do século VII a.C.

FREDERICO LOURENÇO nasceu em Lisboa, em 1963. Formou-se em línguas e literaturas clássicas na Faculdade de Letras de Lisboa, onde concluiu seu doutorado e hoje leciona. Colaborou com os jornais *Público*, *O Independente*, *Diário de Notícias* e *Expresso*. Publicou críticas literárias nas revistas *Colóquio/ Letras*, *Journal of Hellenic Studies*, *Humanitas*, *Classical Quarterly* e *Euphrosyne*. É autor dos romances *Pode um desejo imenso*, *Amar não acaba*, *A formosa pintura do mundo* e *A máquina do arcanjo*, e de *Ensaio sobre Píndaro*, *Grécia revisitada* e *Novos ensaios helênicos e alemães*, entre outros. Traduziu também do grego a *Odisseia* e as tragédias de Eurípides, *Hipólito* e *Íon*. Sua tradução da *Odisseia* recebeu o prêmio D. Diniz da Casa de Mateus e o grande prêmio de tradução do Pen Clube Português e da Associação Portuguesa de Tradutores.

PETER JONES é formado em Cambridge, com doutorado em Londres sobre Homero. Foi professor secundário e de classicismo na University of Newcastle upon Tyne. Atualmente é escritor, radialista e jornalista. Nomeado MBE (Ordem do Império Britânico) em 1983, é porta-voz nacional do Co-ordinating Committee for Classicis e fundador, com Jeannie Cohen, da instituição beneficente Friends of Classics. Escreveu as séries

*QED* e *Eureka* para o *Daily Telegraph*, ambas agora publicadas pela Duckworth como *Learn Latin* e *Learn Ancient Greek*. A Duckworth também publicou sua *Classics in Translation* (outra série do *Telegraph*), *Ancient and Modern* (de sua coluna semanal no *Spectator*) e *An Intelligent Person's Guide to Classics*. É co-autor das séries *Reading Greek* e *Reading Latin*, para a Cambridge, e autor de livros, artigos e comentários sobre Homero.

E. V. RIEU, editor da Penguin Classics de 1944 a 1964, foi professor da St. Paul's School e do Baliol College, Oxford. Trabalhou na Methuen desde 1923, da qual foi diretor administrativo de 1933 a 1936 e, posteriormente, consultor acadêmico e literário. Foi presidente da Virgil Society em 1951 e vice-presidente da Royal Society of Literature em 1958. Recebeu o título de doutor honorário em letras da Leeds University em 1949 e a Ordem do Império Britânico em 1953. Entre suas publicações, figuram *The Flattered Flying Fish and Other Poems* e traduções da *Odisseia*, da *Iliada*, das *Bucólicas* de Virgílio, da *Argonáutica* de Apolônio de Rodas e dos *Quatro Evangelhos* pela Penguin Classics. Faleceu em 1972.

HOMERO

Ilíada

*Tradução e prefácio de*  
FREDERICO LOURENÇO

*Introdução e apêndices de*  
PETER JONES

*Introdução à edição de 1950*  
E. V. RIEU



PENGUIN

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 2003 by Peter Jones  
Copyright da introdução à edição de 1950 © by E. V. Rieu  
Copyright do prefácio © 2005 by Frederico Lourenço

Os mapas desta edição foram feitos por Sonia Vaz, baseados em *The Iliad*, editado pela Penguin Group, em 2003.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Ἰλιάδα

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Alexandre Boide

ADAPTAÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Izeti Torralvo

TRADUÇÃO DAS INTRODUÇÕES

Luiz Araujo

REVISÃO

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Homero

Ilíada / Homero ; tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 E. V. Rieu. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Título original: Ἰλιάδα

ISBN 978-85-63560-56-8

1. Poesia épica clássica — Grécia Antiga. 2. Poesia grega

I. Título.

12-13349

CDD-883.01

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Epopeia : Literatura grega antiga 883.01
2. Poesia épica : Literatura grega antiga 883.01

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Introdução — Peter Jones	7
Introdução à edição de 1950 — E. V. Rieu	53
Prefácio — Frederico Lourenço	71
Personagens principais	91

## MAPAS

1. Uma reconstrução dos campos de batalha imaginários de Homero	101
2. A Trôade	102
3. Lugares e contingentes troianos	103
4. Grécia homérica	104
5. Contingentes gregos em Troia	105

## ILÍADA

Canto I	109
Canto II	131
Canto III	162
Canto IV	179
Canto V	200
Canto VI	233
Canto VII	252
Canto VIII	269
Canto IX	289
Canto X	313
Canto XI	335
Canto XII	365

Canto XIII	382
Canto XIV	412
Canto XV	430
Canto XVI	458
Canto XVII	490
Canto XVIII	519
Canto XIX	541
Canto XX	556
Canto XXI	575
Canto XXII	598
Canto XXIII	618
Canto XXIV	651
<i>Um breve glossário</i>	681
<i>Índice remissivo</i>	685
<i>Referências bibliográficas</i>	709

# Ilíada

## Canto I

Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida  
(mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus  
e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,  
ficando seus corpos como presa para cães e aves  
5 de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus),  
desde o momento em que primeiro se desentenderam  
o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.

Entre eles qual dos deuses provocou o conflito?  
Apolo, filho de Leto e de Zeus. Enfurecera-se o deus  
10 contra o rei e por isso espalhou entre o exército  
uma doença terrível de que morriam as hostes,  
porque o Atrida desconsiderara Crises, seu sacerdote.  
Ora este tinha vindo até as naus velozes dos Aqueus  
para resgatar a filha, trazendo incontáveis riquezas.  
Segurando nas mãos as fitas de Apolo que acerta ao longe  
15 e um cetro dourado, suplicou a todos os Aqueus,  
mas em especial aos dois Atridas, condutores de homens:

“Ó Atridas e vós, demais Aqueus de belas cnêmides!  
Que vos concedam os deuses, que o Olimpo detêm,  
saquear a cidade de Príamo e regressar bem a vossas casas!  
20 Mas libertai a minha filha amada e recebei o resgate,  
por respeito para com o filho de Zeus, Apolo que acerta  
ao longe.”



Então todos os outros Aqueus aprovaram estas palavras:  
que se venerasse o sacerdote e se recebesse o glorioso  
resgate.

25 Mas tal não agradou ao coração do Atrida Agamêmnon;  
e asperamente o mandou embora, com palavras desabridas:

“Que eu te não encontre, ó ancião, junto às côncavas naus,  
demorando-te agora ou voltando nos tempos próximos,  
pois de nada te servirá o cetro e a fita do deus!

Não libertarei a tua filha. Antes disso a terá atingido a  
velhice  
30 em minha casa, em Argos, longe da sua pátria,  
enquanto se afadiga ao tear e dorme na minha cama.  
Vai-te agora. Não me encolerizes: partirás mais salvo.”

Assim falou. Amedrontou-se o ancião e obedeceu ao que  
fora dito.

Caminhou em silêncio ao longo da praia do mar marulhante.  
35 E depois de ter se afastado para longe, rezou o ancião  
ao soberano Apolo, que Leto de belos cabelos deu à luz:

“Ouve-me, senhor do arco de prata, deus tutelar de Crise  
e da sacratíssima Cila, que pela força reges Tênedo,  
ó Esminteu! Se alguma vez ao belo templo te pus um teto,  
40 ou queimei para ti as gordas coxas de touros  
ou de cabras, faz que se cumpra isto que te peço:  
que pagues com tuas setas os Dânaos as minhas lágrimas!”

Assim disse, orando; e ouviu-o Febo Apolo.

Desceu do Olimpo, com o coração agitado de ira.  
45 Nos ombros trazia o arco e a aljava duplamente coberta;  
aos ombros do deus irado as setas chocalhavam  
à medida que avançava. E chegou como chega a noite.

Depois sentou-se à distância das naus e disparou uma seta:  
terrível foi o som produzido pelo arco de prata.

50 Primeiro atingiu as mulas e os rápidos cães;  
mas depois disparou as setas contra os homens.  
As piras dos mortos ardiam continuamente.

Durante nove dias contra o exército voaram os disparos  
do deus.

55 Ao décimo dia, Aquiles convocou a hoste para a assembleia:  
fora isso que lhe colocara no espírito a deusa Hera  
de alvos braços.

Pois sentia pena dos Dânaos, porque os via morrer.  
Assim que se encontraram todos reunidos,  
levantou-se para lhes falar Aquiles de pés velozes:

60 “Atrida, julgo agora que seremos obrigados a regressar  
e voltar frustrados para casa, isto no caso de fugirmos  
à morte,  
se ao mesmo tempo a guerra e a doença dizimam os Aqueus.  
Mas agora interroguemos algum vidente ou sacerdote,  
ou um intérprete de sonhos — também os sonhos vêm  
de Zeus —,  
que nos indique por que razão se encolerizou Febo Apolo,  
65 se por causa de promessa ou de hecatombe nos censura;  
na esperança de que aceite o sacrifício de ovelhas e cabras  
imaculadas e que assim afaste de nós a pestilência.”

Tendo assim falado, voltou a sentar-se. Entre eles se levantou  
então Calcas, filho de Testor, de longe o melhor dos  
adivinhos.

70 Todas as coisas ele sabia: as que são, as que serão e as que  
já foram.

Guiara até Ílion as naus dos Aqueus, graças aos vaticínios  
que lhe tinham sido concedidos por Febo Apolo.  
Bem-intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

75 “Mandas-me explicar, ó Aquiles dileto de Zeus,  
a ira do soberano Apolo que acerta ao longe.

Por isso falarei. Mas tu deverás refletir e jurar  
que me defenderás com as tuas palavras e as tuas mãos.  
Pois sei que encolerizarei certo homem: aquele que rege,  
poderoso, os Argivos e a quem obedecem os Aqueus.  
80 Maior é o rei que se encoleriza contra um homem inferior.  
Pois embora a ira durante um dia consiga reprimir,  
daí por diante se mantém ressentido, até cumprir  
o que lhe vai no coração. Pensa, pois, se me salvarás.”

Respondendo-lhe assim falou Aquiles de pés velozes:  
85 “Toma coragem e profere o oráculo que souberes.  
Por Apolo dileto de Zeus a quem tu rezas, ó Calcas,  
e por intermédio de quem aos Dânaos dás oráculos,  
enquanto eu for vivo e contemplar a luz na terra  
ninguém te porá a mão pesada junto às côncavas naus —  
90 ninguém de todos os Dânaos, nem que te refiras a  
Agamêmnon,  
que agora entre todos os Aqueus declara ser o mais nobre.”

Tomando então coragem, falou o adivinho irrepreensível:  
“Não é porque o deus censura alguma promessa ou  
hecatombe,  
mas por causa do sacerdote, que Agamêmnon desconsiderou.  
95 Não libertou a filha nem quis receber o resgate:  
por isso nos dá desgraças o deus que acerta ao longe.  
E não afastará dos Dânaos a repugnante pestilência,  
até que ao querido pai seja restituída a donzela de olhos  
brilhantes, gratuitamente e sem resgate, e seja levada até  
Crise  
100 uma sagrada hecatombe. Então convencê-lo-emos a  
acalmar-se.”

Tendo assim falado, voltou a sentar-se. Entre eles se levantou  
o herói, filho de Atreu, Agamêmnon de vasto poder,  
irritado: tinha o coração cheio de negra raiva  
e os olhos assemelhavam-se a fogo faiscante.

105 Com olhar nefasto, foi a Calcas que primeiro dirigiu  
a palavra:

“Adivinho de desgraças, em meu benefício nunca tu  
profetizaste!

Sempre te é caro ao coração profetizar sofrimentos,  
mas uma palavra benfazeja nunca foste capaz de proferir  
ou fazer cumprir! Agora estás a vaticinar no meio dos

Dânaos,  
110 dizendo que é por causa disto que o deus lhes traz desgraças,  
porque pela donzela Criseida eu não quis aceitar o glorioso  
resgate, visto que decidi em vez disso ficar com ela  
em minha casa. Prefiro-a a Clitemnestra, minha esposa  
legítima, pois em nada lhe é inferior, nem de corpo,  
115 nem de estatura, nem na inteligência, nem nos labores.  
Mas apesar disso restituí-la-ei, se for isso a coisa melhor.  
Quero que o povo seja salvo, de preferência a que pereça.  
Mas preparai para mim outro prêmio, para que não seja  
só eu  
entre os Argivos que fico sem prêmio, pois tal seria  
indecoroso.  
120 Pois vedes todos vós como o meu prêmio vai para outra  
parte.”

Respondendo-lhe assim falou o divino Aquiles de pés velozes:

“Gloriosíssimo Atrida, mais ganancioso de todos os homens!  
Como podem dar-te um prêmio os magnânimos Aqueus?

Nada sabemos de riqueza que jaza num fundo comum,  
125 mas os despojos das cidades saqueadas foram distribuídos,  
e seria indecoroso tentar reaver tais coisas de junto do povo.  
Pela tua parte, deverás cedê-la, como manda o deus. E nós  
Aqueus

te daremos três e quatro vezes a respectiva recompensa,  
quando Zeus nos conceder saquear Troia de belas  
muralhas.”

- 130 Respondendo-lhe assim falou o poderoso Agamêmnon:  
 “Não é deste modo, valente embora sejas, ó divino Aquiles,  
 que me enganas, pois nem me passarás à frente nem  
 convencerás.  
 Na verdade o que queres é que, mantendo tu próprio o teu  
 prêmio,  
 seja eu forçado a passar sem o meu, visto que me mandas  
 restituí-la.
- 135 Mas se me derem um prêmio os magnânimos Aqueus,  
 dando algo que me agrade, que seja recompensa condigna —  
 mas se nada me derem, então eu próprio irei tirar o  
 prêmio  
 que te pertence, ou a Ájax, ou até a Ulisses: tirá-lo-ei  
 e levá-lo-ei comigo. Zangar-se-á quem receber a minha visita!
- 140 Mas nestas coisas pensaremos depois, num momento futuro.  
 Agora lancemos uma escura nau para o mar divino;  
 nela reunamos remadores e nela ponhamos a hecatombe;  
 façamos embarcar a própria Criseida de lindo rosto.  
 E que da nau tome o comando um chefe aconselhado:
- 145 talvez Ájax, ou Idomeneu ou o divino Ulisses,  
 ou então tu próprio, ó Pelida, mais temível dos homens,  
 para que o sacrifício oferecido apazigue o deus que atua  
 ao longe.”

Fitando-o com sobrolho carregado respondeu Aquiles  
 de pés velozes:

- 150 “Ah, como te vestes de vergonha, zeloso do teu proveito!  
 Como obedecerá às tuas palavras algum dos Aqueus,  
 para seguir caminho ou pelejar pela força contra guerreiros?  
 Eu não vim para cá lutar por causa dos lanceiros Troianos,  
 visto que eles em nada me ofenderam:  
 nunca eles me levaram bois ou cavalos, nem jamais na Ftia  
 de férteis sulcos, alimentadora de homens,  
 155 prejudicaram as colheitas, pois muitas coisas há de permeio:  
 montanhas sombrias e o mar retumbante.  
 Mas foi a ti, grande desavergonhado!, que seguimos,



185 essa que te calhou como prêmio, para que fiques bem a saber  
 quanto mais forte que tu eu sou! Que doravante a outro  
 repugne  
 declarar-se meu igual e comparar-se comigo na minha  
 presença!”

Assim falou. Mas uma dor se apoderou do Pelida, cujo  
 coração  
 no peito hirsuto se dividia no que haveria de pensar:  
 190 ou desembainhar de junto da coxa a espada afiada  
 e dispersar a assembleia matando o Atrida;  
 ou antes acalmar a ira e refrear o coração.  
 Enquanto isto pensava no espírito e no coração,  
 tirando a espada da bainha, chegou Atena,  
 195 vinda do céu. Mandara-a a deusa Hera de alvos braços,  
 pois a ambos ela estimava e protegia no seu coração.  
 Postou-se atrás dele e agarrou no loiro cabelo do Pelida,  
 visível apenas para ele. Nenhum dos outros a viu.  
 Espantou-se Aquiles ao voltar-se para trás; e logo  
 reconheceu  
 200 Palas Atena, cujos olhos faiscavam terrivelmente.  
 E falando dirigiu-lhe palavras aladas:

“Por que aqui regressas, ó filha de Zeus detentor da égide?  
 Será para veres a insolência do Atrida Agamêmnon?  
 Mas isto te direi, coisa que penso vir a cumprir-se:  
 205 é pela sua arrogância que depressa perderá a vida.”

A ele respondeu a deusa, Atena de olhos esverdeados:  
 “Vim para refrear a tua fúria (no caso de me obedeceres)  
 do céu: mandou-me a deusa Hera de alvos braços,  
 pois a ambos ela estima e protege no seu coração.  
 210 Mas desiste agora do conflito e não tires a espada com a mão.  
 Com palavras o podes injuriar, como de fato acontecerá.  
 Pois isto te direi, coisa que haverá de se cumprir:  
 no futuro três vezes mais gloriosas oferendas te serão

trazidas, por causa da insolência dele. Refreia-te  
e obedece-nos.”

215 Respondendo-lhe assim falou Aquiles de pés velozes:  
“Forçoso é, ó deusa, que se obedeça às palavras de vós  
ambas,  
ainda que o coração esteja enraivecido. Assim será melhor.  
Àquele que aos deuses obedece, ouvidos lhe dão eles  
também.”

Assim falou e reteve a mão pesada no punho de prata,  
220 enfiando de novo a grande espada na bainha; não  
desobedeceu  
à palavra de Atena. Por seu lado, partiu ela para o Olimpo,  
para o palácio de Zeus detentor da égide, para junto dos  
deuses.

Mas o Pelida falou de novo com palavras agressivas  
ao Atrida; de forma alguma desistiu da sua raiva:  
225 “Pesado de vinho! Olhos de cão! Coração de gamo!  
Armares-te para a guerra juntamente com o povo,  
ou fazeres uma emboscada com os príncipes dos Aqueus:  
isso nunca tu ousaste no coração. Tal coisa para ti seria  
a morte.

Muito mais agradável é ires pelo vasto exército dos Aqueus,  
230 arrancando os prêmios a quem te levanta a voz.  
Rei voraz com o próprio povo, é sobre nulidades que tu  
reinas:  
se assim não fosse, ó Atrida, esta agora seria a tua última  
insolência.

Mas isto te direi; e jurarei um grande juramento.  
Por este cetro, que nunca mais terá folhas ou rebentos,  
235 a partir do momento em que deixou o tronco nas montanhas,  
nem nunca mais reverdecerá — pois dele cortou o bronze  
as folhas e o casco, e agora os filhos dos Aqueus  
que proferem sentenças o seguram, aqueles que praticam



a justiça por mando de Zeus — será este um poderoso  
 juramento:  
 240 sobrevirá um dia aos filhos dos Aqueus o desejo de terem  
 Aquiles,  
 a todos eles. E nesse dia não conseguirás tu, apesar do  
 sofrimento,  
 socorrê-los, quando muitos por Heitor matador de homens  
 caírem chacinados. E tu morderás dentro de ti o coração  
 de raiva, porque em nada honraste o melhor dos Aqueus.”

245 Assim falou o Pelida, atirando para o chão o cetro cravejado  
 de adereços dourados, sentando-se ele próprio em seguida.  
 Quanto ao Atrida, continuava encolerizado. Então entre eles  
 se levantou Nestor das doces palavras, o límpido orador  
 de Pilos;  
 da sua língua fluía um discurso mais doce que o mel.  
 250 Vira morrer já duas gerações de homens mortais,  
 dos que com ele nasceram e foram alimentados  
 na sacra Pilos; e agora reinava sobre a terceira.  
 Bem-intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

“Ah, como é grande a desgraça que à Acaia sobreveio!  
 255 Na verdade se regozijariam Príamo e os filhos de Príamo,  
 e todos os outros Troianos se alegrariam no coração,  
 se soubessem de todo este conflito entre vós ambos,  
 vós que entre os Dânaos sois excelsos no conselho e na luta.  
 Ouvi-me! Sois ambos mais novos do que eu.  
 260 Pois já eu com homens mais valentes que vós  
 me dei — e nunca esses me desconsideraram.  
 De resto nunca homens assim eu alguma vez verei:  
 homens como Pirítoo e Driante, pastor do povo;  
 Ceneu e Exádio e o divino Polifemo;  
 265 Teseu e Egeu, semelhante aos imortais.  
 Os mais fortes foram eles dos homens da terra;  
 os mais fortes foram eles, e com os mais fortes combateram:  
 até com centauros das montanhas, que de todo destruíram.